

De acordo com o Plano de Consolidação do Assentamento Rio das Pedras - PAC, os valores envolvidos no processo são: na Gleba I foram pagos ao proprietário, pela terra nua, R\$ 698.861,08, pelas benfeitorias produtivas, R\$ 104.584,00, perfazendo um valor total de R\$ 803.445,08. Na Gleba II os valores pagos foram: R\$ 999.007,18, pela terra nua, R\$ 182.144,68, pelas benfeitorias produtivas, perfazendo um total de 1.181.151,86. Somando as gleba I e gleba II, o valor total pago ao proprietário desse imóvel, incluindo o valor da terra nua e o valor das benfeitorias, foi de 1.984.596,94.

Na visão do deputado federal Odelmo Leão Carneiro - PPB, o problema do Brasil não é terra, mas falta de recursos para fazer uma política de assentamento. O deputado do PPB disse que o INCRA não tem recursos nem para fazer a divisão de uma fazenda para desapropriar e muito menos para assentar. Ainda segundo Odelmo, se o INCRA fizer uma licitação para comprar terras, o instituto não irá suportar a quantidade que aparecerá para ser vendida e, talvez, por um preço bem menor do que o pago na desapropriação. Nesse discurso, Odelmo tenta isentar os grandes latifundiários de sua responsabilidade social e, ao mesmo tempo, joga-se toda a responsabilidade no governo, como se, antes de tudo, faltasse vontade política dos governantes.

No entanto, a reforma agrária talvez não ocorra de forma massiva, em função, sobretudo, dos interesses de classe e das questões políticas, uma vez que normalmente unem-se as necessidades com as circunstâncias e decide-se a terra vai ou não ser desapropriada. Assim, ao invés da reforma agrária acontecer de fato, o que tem ocorrido nos mais diversos casos é uma negociata, uma vez que a maioria das desapropriações que ocorre no território nacional se assemelha com uma negociação, em que prevalecem os diversos interesses de classes que se perpetuam na sociedade brasileira. Contudo, o problema agrário brasileiro é um problema político e social, haja vista que há muito faz parte dos arranjos sociais de uma elite hegemônica, bem como de um processo histórico engendrado na sociedade brasileira. Essas questões, entre outras, têm produzido no cenário nacional diversos debates, polarizando a problemática da questão agrária. Os principais aspectos questionados pelos intelectuais, o Estado e os movimentos sociais estão relacionados à necessidade, à viabilidade e ao modo como a reforma agrária está sendo conduzida no país. Portanto, é preciso que haja uma efervescência social e, nos meandros das relações sociais, tais questões sobressaem nos debates. A partir da pressão imposta,

talvez, haja uma transformação nas relações mantidas na sociedade com o objetivo de solucionar, de fato, o problema agrário brasileiro.

Acampamento Rio das Pedras: desafios, táticas e relações de convivência

No interior das relações sociais, os trabalhadores se fazem presente em busca de seus anseios e aspirações. Na luta pela cidadania, uma categoria de trabalhadores enfrentou as adversidades da vida e encontrou, na luta pela terra, um caminho a seguir, com o objetivo de conquistar seus espaços, bem como enfrentou também, como forma de resistência, uma sistemática precariedade nos seus modos de morar e viver, fruto das relações desencadeadas no sistema capitalista, no qual os setores conservadores da sociedade, direta ou indiretamente, usufruem os seus privilégios. Na perspectiva das lutas travadas pelas organizações rurais, que sinalizam a intensificação das pressões diretas, das mobilizações coletivas e da busca pela autonomia, a ocupação de terra torna-se ação prioritária. Segundo Fernandes:

A ocupação é uma realidade determinadora, é espaço/tempo que estabelece uma cisão entre latifúndio e assentamento e entre o passado e o futuro. Nesse sentido, para os sem-terra, a ocupação, como espaço de luta e resistência, representa a fronteira entre o sonho e a realidade, que é construída no enfrentamento cotidiano com os latifundiários e o Estado²⁸⁶.

Diante disso, em todo o território nacional, os trabalhadores em luta pela terra nos diversos movimentos sociais organizados, em especial, no Estado de Minas Gerais, enfrentam o Estado e os latifundiários com o objetivo primeiro de obter o acesso à terra. No ano de 2004, o Instituto de Terras do estado – ITER/MG, registrou a existência de 152 acampamentos, envolvendo mais de treze mil famílias, no Estado de Minas Gerais, como se pode constatar na tabela 13. Ademais, em relação à região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, o mapa na página seguinte demonstra a distribuição dos acampamentos, por entidade, nessa região.

²⁸⁶ FERNANDES, B. M. op. cit., 2000, p. 19.

LOCALIZAÇÃO DOS ACAMPAMENTOS DE SEM-TERRA NO TRIÂNGULO MINEIRO / ALTO PARANAÍBA

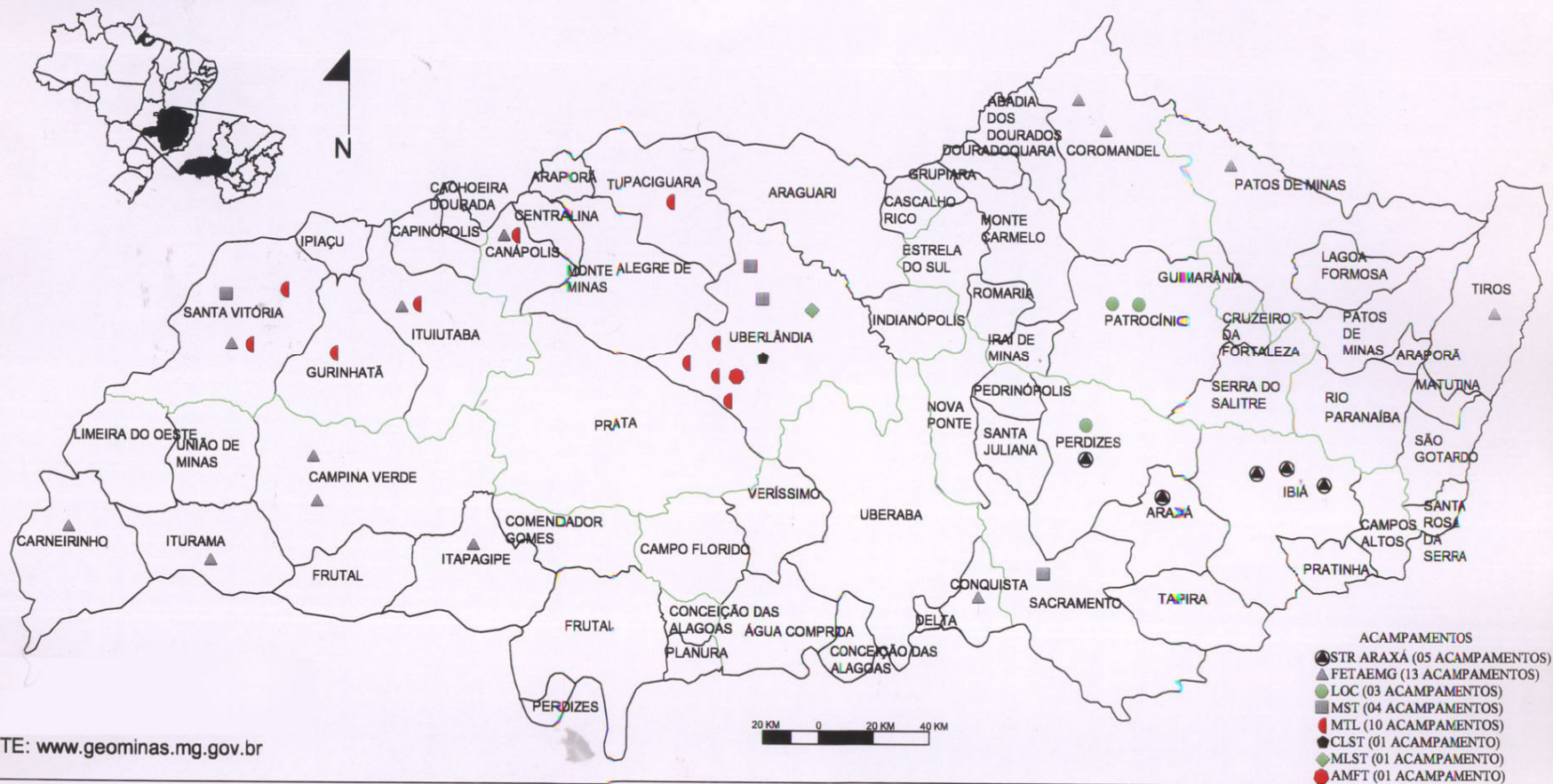


**TABELA 13 – NÚMERO DE ACAMPAMENTOS E FAMÍLIAS ACAMPADAS NO
ESTADO DE MINAS GERAIS, POR REGIÃO - 2004**

REGIÃO	Nº DE ACAMPAMENTOS	Nº FAMÍLIAS	% DE FAMÍLIAS
Alto Paranaíba	13	1021	7,7
Jequitinhonha	20	1609	12,1
Metropolitana	9	855	6,4
Mucuri	1	45	0,3
Noroeste	19	1432	10,8
Norte	51	3331	25,1
Sul	5	410	3,1
Triângulo	24	3289	24,7
Vale do Rio Doce	10	1301	9,8
Total	152	13293	100

Fonte: Instituto de Terras de Minas Gerais - ITER/MG, março de 2004.

A tabela acima revela o alto índice de conflitos agrários, principalmente na região do Triângulo Mineiro, que concentra mais de 20% do total das famílias acampadas no Estado de Minas Gerais. Esse índice aumenta, substancialmente, se considerarmos, ainda, em termos relativos, todas as áreas que foram ocupadas em Minas Gerais e registradas pelo INCRA/MG, durante os anos de 1999 a 2001. Nesse período, a região Centro-oeste teve apenas 1 ocupação de terra registrada; em contrapartida, o Triângulo Mineiro registrou 61 ocupações; a central, 8; o Norte, 22; o Alto Paranaíba, 52; o Sul, 1; as regiões do Rio Doce e Mucuri, 17, ou seja, de um total de 162 ocupações de terra, registradas por esse órgão governamental, nesse período analisado, 113 ocorreram no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, o que corresponde a 70% da totalidade de conflitos fundiários registrados no estado. Esses conflitos agrários envolveram uma multiplicidade de movimentos sociais rurais ligados à questão da terra, no estado de Minas Gerais, o que pode ser constatado na (tabela 14).

**TABELA 14 – NÚMERO DE ACAMPAMENTOS E FAMÍLIAS ACAMPADAS NO
ESTADO DE MINAS GERAIS, POR MOVIMENTO - 2004**

MOVIMENTO	Nº DE ACAMPAMENTOS	Nº FAMÍLIAS	% DE FAMÍLIAS
ACTPJ	1	94	0,7
FETAEMG	91	6691	50,4
LOC	18	1033	7,8
MLST	1	240	1,8
MTL	10	1267	9,6
MST	25	3439	25,7
STR – Araxá	4	285	2,2
CLST	1	36	0,2
AMFT	1	218	1,6
TOTAL	152	13.293	100

Fonte: Instituto de Terras de Minas Gerais - ITER/MG, março de 2004.

Como se verifica na tabela acima, apesar da diversidade de movimentos sociais rurais, constata-se uma predominância da Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado de Minas Gerais – FETAEMG, que, em março de 2004, coordenava a metade das famílias acampadas no Estado de Minas Gerais. Há que se ressaltar, ainda, que a quase totalidade dos conflitos ligados a esta Federação são organizados pelos Sindicatos de Trabalhadores Rurais - STRs locais que, associados a ela, contam, maior ou menor grau, com seu apoio. Por outro lado, o Movimento Terra, Trabalho e Liberdade – MTL - se configura como o terceiro maior movimento organizado em termos de famílias acampadas neste referido ano, perfazendo um total de aproximadamente 10% de ocupações de terras no estado de Minas Gerais. Além do mais, em relação às famílias acampadas na região do Triângulo Mineiro, levando em consideração os diversos movimentos atuantes nessa região em ocupações de terra, a situação não se difere muito da verificada no Estado de Minas Gerais. Isso é o que se pode observar nas tabelas a seguir:

**TABELA 15 – TOTAL DE ACAMPAMENTOS E FAMÍLIAS ACAMPADAS NO
TRIÂNGULO MINEIRO – 2004**

MOVIMENTO	MUNICÍPIO	ACAMPAMENTO	LOCALIZAÇÃO	FAM.	FAZENDA
Fetaemg	Campina Verde	Seis Irmãos		65	
Fetaemg	Campina Verde	Inhumas	Na fazenda	38	Inhumas
MTL	Canápolis	Pirapitinga	Na fazenda	400	
Fetaemg	Canápolis	Pirapitinga	Na estrada	150	Pirapitinga
Fetaemg	Carneirinho	São Pedro	Na estrada	80	São Pedro
MTL	Gurinhata	Piedade		70	
Fetaemg	Itapagipe	Rodovia	Rodovia	400	
MTL	Ituiutaba	Pântano Mariano	Na fazenda	28	
Fetaemg	Iturama	Bonito Tracajá	Estrada	350	Bonito Tracajá
MST	Santa Vitória	Canudos	Na praça	115	Bebedouro
MTL	Santa Vitória	Curiango		40	
MTL	Santa Vitória	Capoeira	Na estrada	60	Capoeira
Fetaemg	Santa Vitória	Capoeira	Na estrada	80	Capoeira
MTL	Tupaciguara	São Domingos		80	
Fetaemg	Uberaba	Turbante de Cedro	Na fazenda	30	
MST	Uberlândia	Eldorado dos Carajás	Na fazenda	140	Santa Fé
CLST	Uberlândia	Bacurim/coalbra	Na fazenda	36	
MLST	Uberlândia	Capim Branco	Na fazenda	240	
MTL	Uberlândia	Matinha		30	
MTL	Uberlândia	Carajás		200	
MTL	Uberlândia	Tangará	Na fazenda	250	
AMFT	Uberlândia	Tangará	Na fazenda	218	
MLT	Uberlândia	Chuvás do Amanhecer	Na fazenda	109	Estivinha
MST	Uberlândia	Emiliano Zapatta	FERUBE	80	FERUBE
TOTAL		24		3.289	

Fonte: Instituto de Terras de Minas Gerais - ITER/MG, março de 2004.

**TABELA 16 – TOTAL DE ACAMPAMENTOS E FAMÍLIAS ACAMPADAS NO
ALTO PARANAÍBA – 2004**

MOVIMENTO	MUNICÍPIO	ACAMPAMENTO	LOCALIZAÇÃO	FAM.	FAZENDA
STR Araxá	Araxá/Ibiá	Faz. São Mateus	Na estrada	70	
Fetaemg	Coromandel	Berro D'Água	Na estrada	66	
STR Araxá	Ibiá	São Dimas	Na estrada	25	
STR Araxá	Ibiá	Morro Alto de baixo	Na fazenda	40	
Fetaemg	Patos de Minas	Guimarães Barreira	Na fazenda	67	Guim. Barreira
Fetaemg	Patrocínio	Folhados	Ferrovia	45	
Fetaemg	Patrocínio	PIF PAF	Na estrada	33	
LOC	Patrocínio	Sinhazinha	Na fazenda	15	Mateira
LOC	Patrocínio	Fortaleza	Na fazenda	30	Fortaleza
LOC	Perdizes	Sapicado Indaiá	Na fazenda	100	
STR Araxá	Perdizes	Bom Sucesso	Na fazenda	150	
MST	Sacramento	Zagaia	Na fazenda	350	Chap. Zagaia
Fetaemg	Tiros	Santa Cecília	Na fazenda	30	
TOTAL		13		1.021	

Fonte: Instituto de Terras de Minas Gerais - ITER/MG, março de 2004.

De acordo com os dados da tabela 15, o Movimento Terra, Trabalho e Liberdade – MTL, no ano de 2004, coordenava em torno de 35% das famílias acampadas na região do Triângulo Mineiro, ficando atrás somente da Fetaemg que, nesse período, dispunha do equivalente a 36% das famílias acampadas nessa região. Como se percebe, o MTL possui expressividade nessa região, quando se analisa o quantitativo de famílias acampadas, advindas de ocupações de terras. Entretanto, levando em consideração os dados da tabela 16, verifica-se que esse Movimento praticamente inexistente na região do Alto Paranaíba, por outro lado, o MST predomina nessa região com um percentual de aproximadamente 34%, o STR Araxá com 28%, a Fetaemg com 24% e a LOC com 14%. Seguindo a tendência nacional, as ocupações denotam a forma primordial de luta pela terra e, assim, os acampamentos registram as histórias de resistências e lutas dos trabalhadores sem-terra ou com pouca terra. Todavia, a realidade destes acampamentos constitui elemento importante,

tanto na dinâmica da luta pela reforma agrária, quanto na construção dos assentamentos rurais que permeiam o país e, neste caso, em especial o Triângulo Mineiro.

Nesse processo de luta, os trabalhadores sem-terra que ocuparam a Fazenda Rio das Pedras transformaram-se, a partir do ano de 1997, momento em que ocuparam a referida fazenda, em importantes referências regionais de luta, exemplos de persistência, impulsionadores da luta mais ampla pela reforma agrária. Afinal, as experiências gestadas nesse processo contribuem para a criação de novos espaços de ações e socialização política. Os trabalhadores que ocuparam a Fazenda Rio das Pedras conviveram no acampamento cerca de um ano e quatro meses, com muitas privações, mas, ao mesmo tempo, com o objetivo de conquistar a terra. Essa ocupação virou manchete nos jornais locais, o *Jornal Correio de Uberlândia* noticiara no dia seguinte:

O Movimento de Luta pela Terra (MLT) promoveu ontem a primeira ocupação de terras em Uberlândia. Duzentas famílias estão acampadas na fazenda Rio das Pedras, de propriedade de Josias Freitas, distante 20 quilômetros do centro, desde às 4 horas da manhã de ontem. As famílias foram transportadas em dez caminhões e três ônibus até o local. O acampamento fica próximo ao Rio das Pedras, lugar onde os sem-terra tomam banho e tiram água para beber e fazer a comida. Cerca de 120 crianças estão no acampamento e até o fim da semana será feito um levantamento para indicar o número exato de famílias acampadas na fazenda²⁸⁷.

O fato da ocupação dessa fazenda ter ocorrido no meio da noite faz parte de uma tática pautada em normas, códigos, regras e condutas das pessoas vinculadas ao Movimento, e, em particular, das lideranças, com o objetivo de encontrar o latifundiário totalmente desprevenido, o que aumentaria, consideravelmente, as chances de obtenção de êxito durante o processo de ocupação da fazenda. A organização e o sigilo fazem parte do direcionamento do trabalho realizado pelos integrantes do MLT. As táticas políticas de ocupação, a formulação de uma lista advinda de uma pesquisa das várias propriedades rurais da região, a triagem para cadastrar as famílias sem-terra, bem como a escolha da fazenda, a determinação do dia da ocupação e a estrutura para viagem, como o fornecimento de caminhões e ferramentas é incumbência dos chamados líderes.

²⁸⁷ **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia assiste à primeira ocupação de terras. Ano 59, nº 17458, de 15/04/1997. p. 9.

Um dia após a ocupação, Luiz Carlos Galante (conhecido como Barroso), coordenador do MLT, ao ser indagado acerca de uma possível represália, ressaltou que, se isso ocorresse, as vítimas seriam as famílias acampadas. E indagou: *“Quem tem moral para nos expulsar daqui? A polícia não é, porque está sendo criticada em nível nacional. Se o proprietário nos reprimir não temos como enfrentá-lo, mas não vamos nos deixar dobrar por causa da resistência”* e, ao mesmo tempo, enfatizou que estavam fazendo essas ocupações em nome de uma vida mais digna e fraternal²⁸⁸. Ainda segundo Barroso, o desemprego e a falta de perspectiva de vida foram as principais razões que levaram os membros do movimento a participar da ocupação. Pois, *“Quem não trabalhava era subempregado e fazia ‘bicos’. Uma minoria tinha casa, outros pagava aluguel e quem tinha casa não conseguia quitar o imóvel”*²⁸⁹. Assim, a ocupação de terras é uma forma de resistência realizada em nome de uma vida mais digna, em que os trabalhadores teriam acesso à boa alimentação, trabalho, moradia, saúde, educação e lazer, o que, no entanto, não descarta a existência de pessoas que, apesar de não comporem essa posição social, também buscam o acesso à terra, ainda que não tenham tal necessidade.

Os irmãos Irineu Moreira da Silva e Ismail Moreira Mendes participaram da ocupação da Fazenda Rio das Pedras. Ismail era técnico em agronomia, tinha 61 anos de idade, e participou pela primeira vez de uma ocupação de terra. Segundo seu depoimento, possuía o curso que ensina a trabalhar a terra, no entanto, ainda não havia conseguido um pedaço de chão para produzir. Já Irineu, com 53 anos, havia participado de outras ocupações de terra, principalmente em Santa Vitória, porém, não esperou até que a terra fosse desapropriada. Além do mais, ressaltou que já havia morado até em Rondônia, lugar considerado como o começo do inferno, uma vez que há vários conflitos de terra nessa região e não há lei. Ambos acreditavam que iriam conseguir a terra e fazê-la produzir²⁹⁰. Lúcia Helena Ronseiro, também ocupante da fazenda, relatou com muita emoção suas recordações a respeito do dia que ficou sabendo que iriam conhecer a “terra desconhecida”, chamada Fazenda Rio das Pedras.

²⁸⁸ Idem, Ibidem, p. 9.

²⁸⁹ Idem, Ibidem, p. 9.

²⁹⁰ Idem, Ibidem, p. 9.

A gente não sabia que lugar que era, que fazenda que era, que local que era pra ser ocupado. Nós ficamos sabendo num ô vocês arruma o galo de briga²⁹¹ que amanhã a gente vai viajar. E a gente não sabia pra onde que ia, porque só ficamos sabendo na hora que já estava todo mundo reunido ali com os caminhões, ônibus ou carro do que iria ser transportado. E aí foi uma agitação só, uma correria danada (...) eu senti uma mistura de sentimentos, alegria, ansiedade, medo sei lá o que²⁹².

Ao evocar tal relato, Lúcia Helena, através de sua memória, conduziu-me ao tempo em que se preparavam para seguir rumo à ocupação da Fazenda. Sua narrativa traz os momentos vivenciados por essa trabalhadora. Ela revolveu o passado pausadamente, como se estivesse desenrolando um fio de novelo para esclarecer como ficou sabendo qual seria a fazenda que ocupariam, bem como os preparativos que antecederam tal ocupação. Para os primeiros dias de ocupação, Lúcia levou apenas alguns vasilhames, algumas roupas, alguns alimentos e alguns itens de higiene pessoal. Apesar de ter havido várias reuniões anteriores ao dia da ocupação da fazenda, muitas informações são passadas, numa interação entre os trabalhadores e as lideranças do Movimento, no entanto, as lideranças mantêm sigilo quanto à fazenda que será ocupada, como uma forma de proteção dos trabalhadores.

Em que pese o fato da maioria dos ocupantes da fazenda Rio das Pedras ter ficado sabendo de última hora para qual fazenda iriam, as atuações do Movimento foram pautadas numa organização prévia, pois grande parte dos entrevistados relatou que participou de algumas reuniões, designadas de trabalho de base²⁹³. Nos processos de luta pela terra, no Brasil, denomina-se trabalho de base a organização das diversas famílias interessadas em conquistar um pedaço de terra, bem como a preparação política das mesmas, especialmente em relação ao direito de propriedade da terra, os ideais de luta, as concepções políticas e culturais que permeiam o movimento.

²⁹¹ Tal termo é utilizado pelas pessoas do assentamento quando se referem a alguns utensílios domésticos e peças de roupas, os quais deveriam ser trazidos no dia da ocupação da fazenda Rio das Pedras.

²⁹² Lúcia Helena Ronseiro da Silva – Natural de São Simão/SP. **Entrevista concedida à autora, em 09 de setembro de 2006.** Uberlândia/MG.

²⁹³ De acordo com MARKUS, o procedimento adotado pelos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), em Rondonópolis/Mato Grosso denomina-se *método multiplicador*, haja vista que cada família participante do Movimento se compromete em trazer para as reuniões outras pessoas interessadas em participar das mesmas, bem como das manifestações e das ocupações de terra. Tal fato é uma tática política do grupo com o objetivo de fortalecer o movimento, podendo, assim, pressionar com mais eficiência o governo, com o intuito de que haja uma Reforma Agrária eficiente no país. In: MARKUS, Maria Elza. **Trabalhadores Sem Terra: Somos nós que é o Movimento.** Doutorado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, (PUC-SP), 2002. p. 30.

Nas questões de cunho ideológico, existe uma ênfase na valorização da bandeira do Movimento em todo o processo de ocupação, acampamento e assentamento. Durante a fase de acampamento, por exemplo, pode-se observar, nas imagens a seguir, a valorização da bandeira do Movimento de Libertação dos Sem Terra-MLST, que atuou, neste momento, junto aos acampados na fazenda, sendo que, posteriormente, passou a denominar-se Movimento Terra, Trabalho e Liberdade, atual MTL.

IMAGEM 02: Momento de socialização no acampamento Rio das Pedras em Uberlândia/MG



Foto do arquivo pessoal do Sr. Lauro Joaquim de Moraes – participante da ocupação da Fazenda Rio das Pedras

IMAGEM 03: Manifestação do MTL em visita do presidente Lula ao assentamento Nova Santo Inácio Ranchinho (Campo Florido)



Manifestação do MTL em visita do presidente Lula ao assentamento Nova Santo Inácio Ranchinho (Campo Florido), 2004.

É importante salientar também que a bandeira possui um forte simbolismo entre os integrantes do Movimento. Pode-se dizer, ainda, que a cor vermelha, predominante na bandeira, provavelmente advém da bandeira dos socialistas, uma vez que pregam este regime político como forma de governo. O destaque quanto ao valor simbólico da bandeira também se encontra presente no próprio hino deste Movimento, como se pode observar:

Ref. Nós já estamos conscientizados
E nos unimos pra fortalecer
Nossa bandeira já nasceu vitoriosa
Ninguém segura o MLST

Somos um povo honesto e trabalhador,
Gente humilde, muito simples e ordeira,
Mas se preciso, nós faremos uma guerra, (bis)
Prá conquistar nossa terra e os direitos desta bandeira.

Queremos paz, respeito e moradia,

Educação, saúde e alimentos,
Queremos ter o direito de trabalhar, (bis)
Prá podermos mostrar a força deste movimento.

Ref. Nós já estamos ...

Aqui no mato nós já estamos em luta
Adversários para nós é o que mais tem,
Feras bravias e venenosas serpentes, (bis)
Chuva fria e sol ardente e tempestades também.

Os poderosos, grandes latifundiários,
Nos ameaçam com fogo e armamentos,
Mas não importa, nós estamos preparados (bis)
Em cada barraco queimado nasce um novo acampamento.

Ref. Nós já estamos ...

Mas tem que ser por aí/ por aí,
Sindicato combativo, isso tudo é preciso,
Para a luta prosseguir,
A classe trabalhadora, que é mais sofredora,
Já começa a perceber,
Que nos somos maioria e que vai chegar o dia
De um novo amanhecer.

Pelo fim do latifúndio, chega João, chega Raimundo,
Isso vai ter que mudar / que mudar.
Nessa América Latina, será que a nossa sina,
Vai ser sofrer sem parar.
Por isto eu acredito, por isto já tenho dito
Vamos todos dar as mãos,
É a força popular, levantando essa bandeira,
Reforma Agrária no chão.

Ref. E, já estou ...

Se for dura essa parada, a gente pega nas armas,
Não dá pra ser diferente/ diferente,
Pois os homens têm dinheiro,
Compram armas no estrangeiro,
Pra poder matar a gente.
Contra esse capitalismo, vamos firmes e decididos,
Não deixe pra outra hora,
É a força organizada, passo a passo nessa estrada,
Construindo a nossa história.

Ref. E já estou ...

(Movimento de Libertação dos Sem Terra)

De acordo com Lúcia Helena, uma das ocupantes da Fazenda Rio das Pedras, este hino do Movimento de Libertação dos Sem Terra foi composto por dois integrantes do MLST que ocuparam a fazenda. Ademais, salientou que o hino era conhecido e cantado todos os dias, durante o tempo em que estiveram acampados, por todos os trabalhadores sem-terra, inclusive pelas crianças, sobretudo, à noite, hora em que se reuniam com frequência e se socializavam. Além do mais, o hino do MLST despertava entusiasmo na alma toda vez que era executado, podendo-se supor que representa, ao mesmo tempo, um grito de guerra e de revolta²⁹⁴.

A bandeira e o hino do Movimento são símbolos muito fortes, o que pôde ser evidenciado na prática cotidiana dos acampados e mesmo após a conquista do lote pelos trabalhadores, prática que permaneceu no assentamento, pois durante as comemorações realizadas neste local, a bandeira do Movimento sempre esteve presente. Nesse sentido, percebe-se que a prática de hastear a bandeira nos dias de jogos e de festas é uma estratégia política, uma forma de manter vivos os ideais do Movimento, de ensinar seus objetivos, interiorizando a luta, tanto nos assentados, quanto nos visitantes que se dirigem por diversos motivos ao assentamento, sejam interessados em comprar lotes, sejam pesquisadores, ou simplesmente homens, mulheres, crianças e idosos movidos pela curiosidade. Assim, observa-se que a bandeira do Movimento tem sido respeitada e aceita entre os trabalhadores sem-terra, seja por ser um símbolo oficial, ou porque, de alguma forma, possui legitimidade. Segundo Carvalho, a finalidade precípua de uma bandeira é atingir o coração das pessoas, bem como é um símbolo que resume as aspirações coletivas do momento²⁹⁵. Ademais,

A elaboração de um imaginário é parte integrante de legitimação de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, ... por símbolos, alegorias, rituais, mitos. Símbolos e mitos podem, por seu caráter difuso, por sua leitura menos codificada, tornar-se elementos poderosos de

²⁹⁴ Lúcia Helena Ronseiro da Silva – Natural de São Simão/SP. **Entrevista concedida a autora em 09 de setembro de 2006.** Uberlândia/MG.

²⁹⁵ CARVALHO, José Murilo. **A Formação das Almas: o imaginário da república no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 114-116.